
ENTRE O CORPO BIOPOLÍTICO, O SISTEMA FARMACOPORNOGRÁFICO E O TECNOBIOPODER: UM DEBATE ENTRE MICHEL FOUCAULT, PAUL B. PRECIADO E DONNA HARAWAY

BETWEEN THE BIOPOLITICAL BODY, THE PHARMACOPORNOGRAPHIC SYSTEM, AND THE TECHNOBIOPOWER: A DEBATE BETWEEN MICHEL FOUCAULT, PAUL B. PRECIADO AND DONNA HARAWAY

LUÍS CELESTINO DE FRANÇA JÚNIOR
Universidade Federal do Cariri

RESUMO: O objetivo do artigo é investigar as relações entre biopolítica, tecnobiopoder e sistema farmacopornográfico. A partir dessas três noções presentes nas obras de Michel Foucault, Donna Haraway e Paul B. Preciado, respectivamente, observar a forma como o corpo atravessa essas proposições. Parte-se da hipótese de que não são noções que se excluem. Se Foucault formula uma leitura sobre o poder em que o próprio poder “desaparece”, é invisível, é relacional e passa a constituir os sujeitos que também passam a ser vistos a partir de modos e processos de subjetivação, Haraway avança numa leitura sobre a “automação” dos corpos e na proposição de uma biopolítica artefactual. Se no seu clássico e famoso livro *Texto Junkie*, Preciado traz a noção de um capitalismo farmacopornográfico, em *Dysphoria Mundi*, lançado em 2023, está em questão um regime Petrosexoracial responsável pelo nascimento de uma necrobiopolítica. O artigo busca, então, compreender o lugar do corpo em todos esses regimes de poder e processos de subjetivação.

Palavras-chave: Biopolítica; Necrobiopolítica; Capitalismo Farmacopornográfico; Corpo: Biopolítica artefactual.

ABSTRACT

The objective of the article is to investigate the relationships between biopolitics, technobiopower and pharmacopornographic system. Based on these three notions presented in the Works of Michel Foucault, Donna Haraway and Paul B. Preciado, respectively, observe the way in which the bodies goes through these propositions. We start from the hypothesis that these are not notions that exclude each other. There are many differences and the work will make an effort to point them out, recognizing in advance the boldness of bringing different authors into dialogue, but there are also many points of contact and possibilities for discussion. If Foucault formulates a reading about power in which power itself disappears, is invisible, is relational and starts to constitute subjects who also come to be seen through modes and processes of subjectivation, Haraway advances a reading about “automation” of bodies and the proposition of an artefactual biopolitics. In his classic and famous book *Texto Junkie*, Preciado brings the notion of a pharmacopornographic capitalism but in *Dysphoria* Entre o corpo biopolítico, o sistema farmacopornográfico e o tecnobiopoder: um debate entre Michel Foucault, Paul B. Preciado e Donna Haraway | França Junior

Passagens: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, v. 15, n.3. Especial, 2024

Mundi he proposes, based on the Petrosexoracial regime, the birth of a necrobiopolitics. The article sought to understand the place of the body in all these power regimes and subjectivation processes.

Key-Words: Biopolitics; Necrobiopolitics; Pharmacopornographic Capitalism; Body: Artefactual biopolitics.

1 INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, a história do pensamento esteve envolvida em tentar responder sobre as relações do corpo e da alma, do corpo e do pensamento, ou mesmo questões sobre “o que pode um corpo”, sobre o que é visível e invisível ou mesmo sobre as formas possíveis de representações do corpo. Uma série de questionamentos novos passam a emergir a partir da constatação de que o mundo contemporâneo só consegue ser compreendido como um caleidoscópio de diferentes pontos de vista, teorias e concepções que se imiscuem e se misturam e que aqui – no diálogo e apropriação conceitual das autoras e autores - chamarei de sistema tecnobiopolítico fármaco-pornográfico que atravessa e maltrata os corpos mesmo quando os invisibiliza. A partir dessa espécie de amálgama conceitual, a bióloga norte-americana Donna Haraway vai elaborar a noção de tecnobiopoder apontando os limites da proposta de Foucault sobre a biopolítica, mas se apropriando de algumas noções ao propor uma reestruturação conceitual. Ao mesmo tempo, em que pese Paul B. Preciado se apropriar da obra do autor francês para apresentar uma série de propostas novas e conceitos em obras como *Testo Junkie* e *Dysphoria Mundi*, o autor espanhol também contrapõe vários limites e diferenças com as noções apresentadas por Michel Foucault.

O objetivo do artigo é propor uma leitura sobre o lugar que o corpo ocupa nas obras de Michel Foucault, Donna Haraway e Paul B. Preciado, especificamente nas relações entre biopolítica, Tecnobiopoder e sistema farmacopornográfico. Parte-se da hipótese de que não são noções que se excluem. Há muitas diferenças e o trabalho fará o esforço de apontá-las já reconhecendo de antemão a ousadia e mesmo os limites de colocar em diálogo perspectivas diferentes sobre o assunto deste artigo, mas também há muitos pontos de contato e possibilidades de discussão.

Entre o corpo biopolítico, o sistema farmacopornográfico e o tecnobiopoder: um debate entre Michel Foucault, Paul B. Preciado e Donna Haraway | França Junior

Se Foucault formula uma leitura sobre o poder em que o próprio poder desaparece, é “invisível”, é relacional, passa a constituir os sujeitos que também passam a ser vistos a partir de modos e processos de subjetivação, Haraway avança numa leitura sobre a “automação” a ponto de que não só o poder é algo invisível, mas os próprios corpos se tornarem indissociáveis de próteses e dispositivos, tornando difícil uma definição pura de corpo biológico. Em *Texto Junkie*, por exemplo, Preciado traz a noção de “*potentia gaudendi*” a partir de uma leitura de Baruch Spinoza. Esta noção é definida pelo autor como:

a potência (presencial ou virtual) de excitação total de um corpo. Esta potência é uma capacidade indeterminada; não tem gênero, não é nem feminina nem masculina, nem humana nem animal, nem viva nem inanimada. Sua orientação não se dirige nem ao masculino nem ao feminino nem conhece diferenças ou fronteiras entre heterossexualidade e homossexualidade ou entre objeto e sujeito (...) A força orgásmica não busca nenhuma resolução imediata, aspira apenas à própria extensão no espaço e tempo, a tudo e a todos, em todo lugar e a todo momento. É uma força de transformação do mundo em prazer – “prazer com”. (Preciado, 2018, pp.44-45)

Isto é, segundo a versão de Preciado dessa noção espinosana, a *potentia gaudendi* ou “força orgásmica” é empregada para dizer do corpo excitável que irrompe “no coração” da ação política, tornando-se objeto tanto da gestão do Estado quanto dos fluxos econômicos atuais. Esta noção, derivada da *Ética* de Spinoza, diz respeito então a “um poder de agir ou força de existir”, uma *dynamis* que se potencializa pelo prazer. (Preciado, 2018, p.44). Portanto, se durante muito tempo os sujeitos modernos eram lidos na chave da opressão e da subordinação, agora os modos de se constituir como sujeito no mundo contemporâneo envolvem um arsenal de dispositivos que incita a comprar, gozar, viver, trabalhar sob o empuxo de um “prazer sem limites”.

Diante disso, o percurso deste texto será dividido em três momentos, tematizando, por conseguinte, o corpo na biopolítica, no “regime” do tecnobiopoder e, por fim, no sistema fármaco-pornográfico. Não se trata somente de apresentar os corpos que se compõem em nossa época, trata-se de articulá-los e ver seus pontos de

intersecção tendo sempre em mente qual lugar ocupa o corpo em suas imensões ético-políticas.

Antes do início portanto desse percurso vale a pena destacar dois pontos. O primeiro é por qual razão um estudo sobre o corpo é o mais adequado para a proposta desse artigo? Levantamos então a hipótese de que o corpo é o lugar/espaco/território de intersecção e encontro dos regimes biopolíticos, do tecnobiopoder e do sistema fármacopornográfico. Já o segundo ponto que é preciso esclarecer é que não se trata, na proposta aqui apresentada, de meramente descrever o funcionamento dessas três dimensões corporais. Trata-se, na verdade, de tentar identificar alguns de seus discursos, estratégias e jogos de funcionamento. Apresentar e descrever alguns contornos dos corpos contemporâneos a partir dessas três dimensões indica ser politicamente interessante na medida em que também há algo desses corpos que faz eclodir pontos de tensionamentos às maneiras contemporâneas de controle e sujeição.

2 OS CORPOS DE MICHEL FOUCAULT

Os sentidos do corpo na obra de Michel Foucault tem sido fruto de uma série de estudos nos últimos anos . Na mesma medida em que esses estudos apontam para a impossibilidade de definição de um sentido único do corpo em Foucault, é de se perguntar por qual razão na obra de Foucault o tema do corpo é tratado de forma tão diferente. Se a materialidade do corpo escapa a uma compreensão biológica, patologizante; se Foucault fogia de uma compreensão fenomenológica, se o corpo é algo tão múltiplo em sua obra, ao mesmo tempo se encontra entre aqueles temas fundamentais em que o autor dedica muito do seu trabalho sem se fixar necessariamente num conceito ou numa noção uniforme e universal. Nesse sentido, seria mais correto falarmos dos “corpos de Michel Foucault” do que arriscarmos algo como a “noção de corpo em Foucault’.

Ocorre com o corpo uma espécie de “jogo de indeterminação”. Todo saber que o enquadra ou o tenta capturar é logo contraposto a um outro que o desloca em sentidos contrários fazendo com que seja difícil defini-lo de forma consolidada e

universal. Se os saberes sobre o corpo visavam diferentes formas de controle e submissão, logo esses saberes eram contrapostos a outras formas, numa espécie de jogo fuga e resistência. Foucault identifica esse problema e busca não cair ou repetir esse tipo de erro sobre o “enquadramento dos corpos”. Pensando com e para além de Foucault, Fabiano Lemos (2023) usa o exemplo do “corpo sodomítico” para falar desse jogo de indeterminação.

O corpo sodomítico é constituído por duas vias. Pela primeira, ele resulta dos mecanismos de controle, quantificação, visualidade e hierarquização; depende da estrutura narrativa da autoridade que o ilumina, da evidência de um espaço institucional onde ele deve ser depositado. Pela segunda, no entanto, que é subterrânea àquela ele se instaura como coeficiente de variação dos sistemas de códigos, impondo a esses uma mobilidade que a letra da lei tem muito trabalho para domesticar. Sabemos, por exemplo, que termos como homossexual e feminismo surgiram como parte de um léxico clínico-jurídico no final do século XIX, que permitiu a expansão do controle social sobre o corpo, ou melhor, sobre o desejo que se rebate sobre o corpo e passa a constituir a natureza secreta dos indivíduos. Sabemos também, no entanto, que, uma vez que essas táticas de identificação se consolidam, elas logo são reapropriadas em contextos antinômicos, levando o discurso anterior a se reorganizar e a modificar a determinação primitiva do termo, a fim de reconquistar sobre ele os privilégios de um uso (Lemos, 2023, p.95)

Esse movimento de desvirtuamento, restituição, reenquadramento que é identificado por Michel Foucault para reconhecimento dos jogos de poder vai ser fundamental para entender o advento da biopolítica. O advento desse regime de poder-saber não exclui o regime soberano ou mesmo disciplinar sendo melhor falarmos de uma convivência desses diferentes regimes de forma híbrida ou que diferentes estratégias desses regimes de poder se entrecruzam e se retroalimentam cabendo a estudos específicos identificar a forma como num dado momento histórico e num dado espaço ocorre esse entrecruzamento, evitando assim qualquer fórmula simplificadora e universal de compreensão e proposição seja do biopoder seja daquilo que lhe faz resistência.

A biopolítica traz essa dificuldade de identificação das estratégias de seus jogos de poder justamente porque ali onde parece haver algo de resistência há, na verdade, algo que a reforça. Isso não passa despercebido a Foucault. É sempre bom lembrar o interesse de Foucault na identificação e descrição das condições epistemológicas de diferentes “saberes”, práticas e discursos científicos sobre os quais se assentaram

estratégias e jogos de poder. Nesse processo, foi possível identificar como cada um dos discursos também produziu contradiscursos que se elaboraram no interior dessas mesmas práticas, estratégias e jogos.

A aparição, no século XIX, na psiquiatria, na jurisprudência, na literatura e também de toda uma série de discursos sobre as espécies e subespécies de homossexualidades, de inversão, de pederastia, de hermafroditismo psíquico, permitiu, obviamente, uma expansão muito grande dos controles sociais nessa região de ‘perversidade’; mas ela permitiu, também, a constituição de um ‘discurso contrário’: a homossexualidade se colocou a falar de si mesma, a reivindicar sua legitimidade ou sua ‘naturalidade’, e frequentemente dentro do vocabulário, com as categorias pelas quais ela foi medicamente qualificada. Não há um lado do discurso do poder e, à sua frente, um outro que se oporia a ele. Os discursos são elementos ou blocos táticos no campo das relações de força. (Foucault, 2012, p.134)

É partindo, portanto, dessa compreensão de jogos de poder/saber operando de formas a deslocar compreensões conceituais sólidas que Sforzini (2023) considera “o corpo” em Michel Foucault não redutível a um mero produto dos discursos e das relações de poder. O corpo representaria uma espécie de ponto-limite permanentemente em disputa da dominação do abstrato e do universal, rechaçando, lutando, escapando e resistindo a ser o ponto em que se localiza a verdade do sujeito. Assim, os corpos na obra do filósofo francês são plurais e multifacetados, atravessados por discursos¹ de verdade e jogos de poder.

Corpos plurais, corpos individualizados. Corpos dilacerados, corpos utópicos. Submissos ou relutantes. Não há um conceito ou uma verdade do corpo, mas uma panóplia, um mosaico de corpos atravessados pela história ou produzindo história. A realidade dos corpos é a de uma materialidade proteiforme, mas singularizante, de uma historicidade anônima, porém inventiva, continuamente em luta contra a dominação do abstrato e do universal. O corpo é aquilo que perpetuamente ultrapassa o sujeito em suas capacidades de síntese organizada. Ele é o disparate da alma, sua evasão. Mais do que buscar uma verdade única do corpo, Foucault dedica-se a pensar a profusão dos *corpos da verdade*: como a verdade materializa-se nos corpos, mas também como os corpos a falsificam ao desejar investigá-la,

¹ Vale lembrar que o sentido de discurso na obra de Foucault não se reduz necessariamente a um texto, um enunciado ou a um ato de fala. O interesse do autor é, na verdade, no que ele vai chamar de “acontecimento discursivo”. “Trata-se de analisar o que poderíamos chamar de acontecimentos discursivos: a saber os acontecimentos que dizem respeito ao modo de apropriação do discurso (político-judiciário), seus funcionamentos, as formas e os conteúdos de saber aos quais ele dá o papel que desempenha nas lutas sociais. No total, o acontecimento discursivo nunca é textual. Não é dentro de um texto que o encontramos” (Foucault, 2011, p. 187)

a contestam ao desejar encarná-la, a multiplicam ao desejar aferi-la. O que interessa a Foucault não é nem o corpo como objeto de um discurso de verdade (problema do positivismo científico), nem o corpo como sujeito oriundo de uma verdadeira relação com o mundo (problema da fenomenologia). O que o interessa é um corpo trabalhado, atravessado, complicado pela verdade. (Sforzini, 2023, p.10)

Diante então desse pressuposto de múltiplos corpos em Foucault, da recusa e do deslocamento de conceitos e proposições de natureza universal e universalizante², há algo que se singulariza nas diversas leituras que Foucault faz do corpo: a noção de que o corpo não é meramente subjugado, reprimido ou oprimido. O corpo é atravessado por jogos de poder e pelo poder é também constituído. O corpo é incitado, estimulado, criado e é esse processo de incitação, produção e constituição que dificulta ver o processo de mera repressão externa sobre o corpo. É assim que Foucault vai se interessar por um tipo de “tecnologia política do corpo”.

O termo Biopolítica aparece pela primeira vez numa conferência de Michel Foucault ministrada na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em 1974: “O Nascimento da Medicina Social”. Já em 1976, Foucault apresenta novamente o termo, dessa vez em dois momentos. No último capítulo do primeiro volume da História da Sexualidade intitulado: “Direito de morte e poder sobre a vida” e na última aula no curso do Collège de France “Il faut défendre la société” (Em defesa da sociedade), em 17 de março daquele ano. Ao longo do curso “Segurança, Território e População”, retoma alguns aspectos da constituição de uma medicina social, tema da conferência de 1974 e propõe uma leitura dos regimes de poder a partir da gestão de epidemias em diferentes momentos dos séculos XVII e XVIII. Já no curso de 1978-1979, “O

² É importante destacar que essa multiplicidade de proposições não se constitui numa contradição teórica. Trata-se, na verdade, do que Michel Foucault se autointitula em um de seus textos de “teórico negativo” mantendo a possibilidade de deslocamento, desvio, recusa e, em certo sentido, enfrentamento diante de mudanças históricas e surgimento de novos fenômenos e leituras e não um engessamento cristalizado e confortável de determinadas correntes teóricas. “Volto, mais uma vez, àquilo a que não cessei de voltar, que dizer, a recusa de analisar em termos de ideologia o pensamento, o comportamento e o saber dos homens (...) para mim, o trabalho teórico não consiste em estabelecer e fixar o conjunto das posições sobre as quais eu me detinha e cujo valor (entre dessas diferentes posições) supostamente coerente formava o sistema (...) Trata-se de um traçado de deslocamento, que dizer, de um traçado não de um edifício teórico, mas do deslocamento pelo qual minhas posições teóricas não param de mudar. Ao final, existem muitas teologias negativas. Digamos que eu seja um teórico negativo”.

(Foucault, 2012, pp. 74-75).

Entre o corpo biopolítico, o sistema farmacopornográfico e o tecnobiopoder: um debate entre Michel Foucault, Paul B. Preciado e Donna Haraway | França Junior

Passagens: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, v. 15, n.3. Especial, 2024

Nascimento da Biopolítica”, Foucault o apresenta como um projeto de estudar o liberalismo para, em seguida, chegar ao investimento da política sobre a vida.

Foucault apresentou os investimentos da Biopolítica sobre o corpo já na conferência de 1974 no Rio de Janeiro, ou seja, desde o primeiro momento em que formulou a noção de biopolítica, o corpo esteve ali presente de forma expressa e explícita.

Procurarei mostrar o contrário: que a medicina moderna é uma medicina social que tem por background uma certa tecnologia do corpo social; que a medicina é uma prática social que somente em um de seus aspectos é individualista e valoriza as relações médico-doente. (...) Minha hipótese é que com o capitalismo não se deu a passagem de uma medicina coletiva para uma medicina privada, mas justamente o contrário; que o capitalismo, desenvolvendo-se em fins do século XVIII e início do século XIX, socializou um primeiro objeto que foi o corpo enquanto força de produção, força de trabalho. O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica (grifo nosso). A medicina é uma estratégia biopolítica”. (Foucault, 2011, pp. 79-80)

Na última aula do curso de 1976, por exemplo, a ênfase de Foucault passa a ser, ao menos de forma expressa, sobre a vida, “categoria” que, por exemplo, não aparece mencionada na conferência de 1974.

Parece-me que um dos fenômenos fundamentais do século XIX foi, é o que se poderia denominar a assunção da vida pelo poder: se vocês preferirem, uma tomada de poder sobre o homem enquanto ser vivo, uma espécie de estatização pelo biológico ou, pelo menos, uma certa inclinação que conduz ao que poderia chamar de estatização do biológico. (Foucault, 2010, p. 201)

Já no último capítulo do primeiro volume da *História da Sexualidade* onde pela primeira vez biopolítica aparece dentro de um livro do autor francês, Foucault apresenta o desenvolvimento de um poder sobre a vida a partir do século XVII em duas formas que, como bem ressalva, não constituem uma antítese entre elas, mas dois polos de desenvolvimento interligados por um feixe intermediário de relações (Foucault, 2012, p.151). Um polo, ligado a uma inflexão de poder disciplinar, no desenvolvimento do corpo como máquina de adestramento, em injunção a sistemas de controle eficazes e econômicos diante das anatomopolíticas do corpo humano. E

Entre o corpo biopolítico, o sistema farmacopornográfico e o tecnobiopoder: um debate entre Michel Foucault, Paul B. Preciado e Donna Haraway | França Junior

um segundo polo, surgido na segunda metade do século XVIII, centrado no corpo-espécie (biopoder) atravessado na “mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos” (Foucault, 2012, p. 152).

Esses processos (proliferação, nascimento, mortalidade, nível de saúde, longevidade) podem ser visíveis e identificados a partir de uma série de intervenções e controles reguladores: uma biopolítica da população. A “era de um biopoder” surge da aproximação desses dois polos, ou seja, da aproximação de diferentes disciplinas (escolas, casernas, ateliês) a práticas políticas e observações econômicas dos problemas de natalidade, longevidade, saúde pública, habitação e migração (Foucault, 2012, p. 152).

As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois pólos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida. A instalação – durante a época clássica, desta grande tecnologia de duas faces – anatômica e biológica, individualizante e especificante, voltado para os desempenhos do corpo e encarando os processos da vida – caracteriza um poder cuja função mais elevada já não é mais matar, mas investir sobre a vida, de cima abaixo”. (Foucault, 2012, p. 152)

Por conseguinte, se não há uma separação nítida e bem definida entre o regime disciplinar e o regime da biopolítica, isso afeta obviamente a forma como se é possível ler os lugares do corpo na biopolítica. Se não mais aparece a formulação de um “corpo como realidade biopolítica”, o que não significa que ele tenha desaparecido. O corpo no regime da biopolítica não deve ser descartado.

Se no regime disciplinar, no ato do suplício do corpo era possível ver seu algoz, a biopolítica funciona numa espécie de regime de invisibilidade dos detentores do poder. Se o exame do corpo a fim de identificação de características dentro de um suporte/atendimento médico a partir do século XVIII em alguns países da Europa ou mesmo de inscrição num regime de cidadania no mesmo período ajudou a criar a noção de indivíduo, esse processo dificultou observar onde aí se escondia uma estratégia de subjugação. A biopolítica não funciona como um “regime de exclusão”, mas como um regime de transformação do corpo em corpo produtivo. O corpo é inscrito numa espécie de regime de utilidade.

As relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (...); o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso (Foucault, 1984, p.28)

É relevante ainda se destacar a presença do “racismo de estado” na proposição foucaultiana da Biopolítica. Ora, a Biopolítica se implica a uma série de tecnologias de gestão da vida que, ao incidir de maneira contínua, ininterrupta, planejada e individualizada nas condições de vivências e convivências da população nos territórios, não deixa de empreender impactos no modo de grupos de indivíduos se relacionarem tanto produtivamente, quanto destrutivamente. Numa Biopolítica formulada e observada a partir da incitação de modos de vida, estímulo, produção, o “racismo de estado” carrega o paradoxo de ser um mecanismo onde a morte se inscreve nas relações sociais.

A especificidade do racismo moderno, o que faz sua especificidade, não está ligado a mentalidades, a ideologias, a mentiras do poder. Está ligado à técnica do poder, à tecnologia do poder. Está ligado a isto que nos coloca, longe da guerra das raças e dessa inteligibilidade da história, num mecanismo que permite ao biopoder exercer-se. Portanto, o racismo é ligado ao funcionamento de um Estado que é obrigado a utilizar a raça, a eliminação das raças e a purificação da raça para exercer seu poder soberano. A justaposição, ou melhor, o funcionamento, através do biopoder do velho poder soberano do direito de morte implica o funcionamento, a introdução e a ativação do racismo. E é aí, creio eu, que efetivamente ele se enraíza. (Foucault, 2005, p. 309)

No recém-publicado “Dispositivo de racialidade”, fruto de sua Tese de Doutorado, Sueli Carneiro (2023) pensa com e para além da obra de Michel Foucault a dimensão da “racialidade” que é fundamental na discussão sobre o racismo de estado na Biopolítica. Os corpos vão ser produzidos de formas diferentes dependendo das suas origens étnico-raciais. A partir da proposição do conceito de “dispositivo da racialidade” vai ser possível analisar o que há de heterogeneidade nas estratégias e discursos desse dispositivo.

Sueli Carneiro passa então a analisar a complexidade dessas estratégias biopolíticas que envolvem desde enunciados discursivos, práticas médicas,

Entre o corpo biopolítico, o sistema farmacopornográfico e o tecnobiopoder: um debate entre Michel Foucault, Paul B. Preciado e Donna Haraway | França Junior

proposições científicas e ação da violência do Estado. Em todas essas estratégias que aqui aproximamos da leitura biopolítica o corpo também está presente. É impossível, portanto, dissociar os corpos racializados, seja negros, indígenas³ ou até mesmo brancos, livres das interferências do dispositivo da racialidade. Os corpos marcados pela raça são tomados como “objetos” pelo dispositivo de racialidade.

Aliás, o início da argumentação da tese de Sueli Carneiro passa, na verdade, pela constituição do corpo branco: “O dispositivo da racialidade, ao demarcar a humanidade como sinônimo de brancura, irá redefinir as demais dimensões humanas e hierarquiza-las de acordo com a proximidade ou o distanciamento desse padrão” (CARNEIRO, 2023, pp. 31-32). Antes de qualquer debate identitário/pós-identitário/essencialista/não-essencialista, a proposta da autora é “demarcar a humanidade”.

Dessa forma, é curioso perceber como Foucault, na conferência proferida na Universidade de Vermont em 1982, já se ocupasse em tratar dos tipos de tecnologias (tecnologias de produção; tecnologias dos sistemas de signos; tecnologias do poder e tecnologias de si modernas) que permitiam aos indivíduos efetuar um “certo número de operações em seus próprios corpos, almas, pensamentos, conduta e modo de ser, de modo a transformá-los com o objetivo de alcançar um certo estado de felicidade, pureza, sabedoria, perfeição ou imortalidade” (Foucault, 2004, p. 94).

Foucault destaca que as diferentes tecnologias que são empreendidas pela biopolítica não funcionam isoladamente, devendo ser observadas a forma como se retroalimentam. Tais tecnologias são operadas por uma lógica perversa de governamentalidade, isto é, uma forma específica de governo da população sob um regime biopolítico. Sob as artimanhas da governamentalidade, a população é então levada a obedecer, controlada, por estratégias de governo para cada vez mais sutis, conduzindo (ludibriando) a população para algo que já seria de antemão forjado para operar as mais escabrosas violências e exclusões.

³ Não passa despercebido pela autora o lugar que o corpo indígena também ocupa no “dispositivo da racialidade”. Assim, por exemplo, ela dedica uma parte do livro a expor e analisar experiências e pesquisas que tiveram negros e índios como cobaias para o desenvolvimento de tecnologias para o bem-estar dos corpos brancos.

Entre o corpo biopolítico, o sistema farmacopornográfico e o tecnobiopoder: um debate entre Michel Foucault, Paul B. Preciado e Donna Haraway | França Junior

Passagens: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, v. 15, n.3. Especial, 2024

3 O CORPO ENTRE UMA BIOPOLÍTICA DE REPRODUÇÃO ARTEFATUAL E O TECNOBIOPODER

É justamente a partir da leitura das funções da tecnologia que surgirão as críticas de Donna Haraway à obra de Michel Foucault, notadamente no que se refere à biopolítica e à ausência da abordagem de uma modulação contemporânea de poder, quer seja: o tecnobiopoder.

A bióloga norte-americana Donna Haraway define, em seu já clássico texto de 1985, o ciborgue como “criaturas que são simultaneamente animal e máquina, que habitam mundos que são, de forma ambígua, tanto naturais quanto fabricados” (HARAWAY, 2009, p. 36). A emergência do ciborgue se dá com e a partir de consequências de uma nova ordem e regime políticos.

O ‘capitalismo avançado’ e o pós-modernismo liberaram a heterogeneidade, deixando-nos sem nenhuma norma. O resultado é que nós nos tornamos achatados, sem subjetividade, pois a subjetividade exige profundidade, mesmo que seja uma profundidade pouco amigável e afogadora. (Haraway, 2009, p. 103)

Essa espécie de dessubjetivação industrializada vai se dar através de um Tecnobiopoder. Uma superação/negação à biopolítica de Michel Foucault. Haraway vai se referir ao trabalho de Michel Foucault em três momentos de seu “Manifesto Ciborgue”. Nas três passagens, curiosamente as referências são à biopolítica, mostrando que dentro da vasta obra do filósofo francês foi esse tema que a chamou atenção. Ao mesmo tempo, Haraway vai expor uma visão negativa sobre o alcance da obra do francês para a compreensão do ciborgue⁴: “O conceito de biopolítica de Michel Foucault não passa de uma débil premonição da política-ciborgue – uma política que nos permite vislumbrar um campo muito mais aberto” (HARAWAY, 1985, p.38). Se Foucault identifica uma forma de poder que incita os corpos, que estimula a vida, que potencializa formas de vida, Haraway considera que o autor francês não chega a um processo de automação dos corpos. “O ciborgue não está sujeito à biopolítica de Foucault; o ciborgue simula a política, uma característica que oferece um campo muito mais potente de atividades” (Haraway, 2009, p. 64)

É de se reparar que o texto de Haraway foi publicado no ano posterior à morte de Foucault e, ainda nesse ano, os cursos do Collège de France ainda não haviam sido publicados, bem como a enorme coleção de textos dos *Ditos e Escritos*. Isso não invalida o fato de que a autora aponta limites e mesmo rejeita uma aproximação da sua proposta de ciborgue com as leituras de biopolítica.

É hora de escrever *A morte da clínica*. Os métodos da clínica exigem corpos e trabalhos; nós temos textos e superfícies. Nossas dominações não funcionam mais por meio da medicalização e da normalização; elas funcionam por meio de redes, do redesenho da comunicação, da administração do estresse. A normalização cede lugar à automação, à absoluta redundância. Os livros de Michel Foucault – *O nascimento da clínica*, *História da sexualidade* e *Vigiar e punir* – descrevem uma forma particular de poder em seu momento de implosão. O discurso da biopolítica cede lugar, agora, ao jargão técnico, à linguagem do substantivo partido e recombinação; as multinacionais não deixam nenhum nome intacto. (Haraway, 2009, p. 103).

No texto originalmente publicado em 1992 *The Promises of Monsters: A Regenerative Politics for Inappropriate/ Others*, Donna Haraway (2019) ao mesmo tempo em que se aproxima de Foucault ao propor uma “biopolítica de natureza artefactual” se distancia ao deixar claro que as teses de Foucault não alcançam as transformações na forma como se lia a natureza e a cultura a partir de uma série de questões envolvendo o avanço tecnológico. A obra de Haraway traz, entre outras questões, a novidade de tensionar os modelos tradicionais de leitura entre natureza e cultura. A forma como propõe uma releitura afeta diretamente a leitura foucaultiana da biopolítica e, creio, que é a partir do corpo, sobretudo o corpo científico, que essa tensão vai ficar mais evidente.

Ao ressaltar noções como ambiente e interação, Haraway segue o rastro de Foucault, mas também dele se distancia. Quando o poder atravessa o corpo, esse corpo já é constituído por um conjunto de tecnologias de produção sendo impossível mesmo definir em algum momento o corpo como natural. O corpo natural não existe mais. A dicotomia natureza/cultura não faz mais sentido salvo para reforçar discursos conservadores em questões de gênero, ambientais, políticas etc. Se a cultura era pensada a partir da transformação da natureza e a natureza aquilo que é transformado

Entre o corpo biopolítico, o sistema farmacopornográfico e o tecnobiopoder: um debate entre Michel Foucault, Paul B. Preciado e Donna Haraway | França Junior

Passagens: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, v. 15, n.3. Especial, 2024

com a cultura, com as noções de interação e ambiente, ao longo de sua obra Haraway vai tentar implodir as fronteiras de natureza e cultura.

Os corpos científicos não são construções ideológicas. Sempre radical e historicamente específicos, os corpos tem um tipo diferente de especificidade e efetividade e, portanto, convidam a um tipo diferente de engajamento e intervenção. Os corpos como objetos de conhecimento são nós material-semióticos geradores. Seus limites materializam-se na interação social; “objetos” como corpos não preexistem como tais. (Haraway, 2023, p. 208)

Assim, para Haraway, a natureza não pode ser observada, estudada ou, simplesmente, existir como um material ou forma essencial. A natureza é sempre fruto de interações. É aí que surge sua proposição de uma natureza “artefatural”, uma natureza produzida. Ressalte-se que essa produção não se restringe aos seres humanos, mas também seres não humanos. Essa proposição vai ser fundamental para, entre outros temas, desconstruir a hipótese orgânica do debate sexo biológico versus gênero construto social nas lutas de gênero no que ela vai contestar como não havendo um “biológico em si” que já não seja uma produção artificial ou, nos termos da autora, “artefatural”. Não há, portanto, um corpo biológico versus um “corpo ficção construto social”, quando se fala de corpo, há se pensar o biológico a partir dessa biopolítica artefatural.

Ao iniciar o capítulo “Uma biopolítica da reprodução artefatural” em seu *The Promises of the Monsters*, a autora norte-americana o apresenta como um diário de viagem sobre paisagens locais e terrenos que tem a natureza como ponto central de lutas locais e globais. A natureza não seria um local a se refugiar, nem um tesouro a ser guardado, nem um local onde se escondem os tesouros, a natureza não é um recurso ou meio de reprodução. A natureza é um lugar comum que deve e merece ser ocupado e reocupado como um lugar comum. A natureza artefatural é uma ficção criada pelos seres humanos, por nós.

Mas o que significa artefactual? Em primeiro lugar, significa que a natureza foi feita por nós, é ao mesmo tempo ficção e facto. se os organismos são objetos naturais, é crucial ter em mente que os organismos não nascem. Eles são construídos por determinados atores coletivos em determinados lugares e tempos por meio de práticas tecnocientíficas capazes de mudar o

Entre o corpo biopolítico, o sistema farmacopornográfico e o tecnobiopoder: um debate entre Michel Foucault, Paul B. Preciado e Donna Haraway | França Junior

... mundo. no ventre da fera local e global que estou incubando, muitas vezes chamada de mundo pós-moderno, a tecnologia global parece desnaturalizar todos ousa transformar tudo em material plástico, objeto de decisões estratégicas e de processos móveis de produção e reprodução. A descontextualização tecnológica é uma experiência comum para centenas de milhões, senão bilhões de seres humanos, bem como para outros organismos. Contudo, sugiro que, em vez de desnaturalização, estamos lidando aqui com um tipo particular de produção da natureza. A obsessão pelo producionismo, tão típica dos discursos e práticas provincianas ocidentais, parece ter hipertrofiado em algo semelhante a um milagre: o mundo inteiro é refeito à imagem da produção de bens. (HARAWAY, 2019, pp.42-44)

Haraway insiste na crítica ao caráter antropocêntrico das discussões sobre a natureza. Por isso, pensar o corpo nesse contexto de crítica à centralidade do ser humano merece envolver outros seres não-humanos. O corpo passa a ser necessariamente visto e entendido como ficcionalizado a partir da relação que se estabelece com outros corpos, não necessariamente outros corpos humanos. Somos o que comemos, já diria o modelo normalizante de uma certa “nutrição”. Somos não só o o que respiramos ou comemos, como costumam dizer os livros de auto-ajuda. Somos também o que nos toca. Somos o mundo e o mundo carrega um pouco de nós. Se esse mundo é molecular ou molar, orgânico ou inorgânico, esse mundo também nos compõe, conscientes ou inconscientes que somos. Somos a ficção criada para nós mesmos interagindo com outras ficções criadas mundo afora.

Não poderia a insistência na artefactualidade da natureza ser mais uma demonstração da grave violação perpetrada contra uma natureza que é externa e diferente das devastações arrogantes da nossa civilização tecnofílica? Afinal, não nos ensinaram que tudo começa com o heliotropismo dos projetos iluministas de dominação sobre a natureza, perseguidos graças a essa luz ofuscante focada pelas tecnologias ópticas? A natureza não é para ser lida de forma alguma através das lentes do producionismo e do antropocentrismo eurocêntrico que ameaçaram reproduzir, literalmente, o mundo inteiro à imagem mortal do Mesmo. As ecofeministas e outros teóricos radicais ainda não nos convenceram? Acredito que a resposta a esta séria questão política e analítica reside em duas reviravoltas relacionadas: a nossa libertação das narrativas aclamatórias e ensolaradas da história da ciência e da tecnologia como paradigma do racionalismo; a reconfiguração dos atores na construção de categorias etnoespecíficas de natureza e cultura. Atrizes e atores não começam nem terminam em nós. O facto de o mundo existir para nós como “natureza” indica um tipo particular de relação, um resultado que só pode ser alcançado com a colaboração de muitos atores, nem todos humanos, não apenas orgânicos, não apenas tecnológicos. (Haraway, 2019, pp. 44-45)

É a partir dessa leitura de uma natureza artefactual que Haraway reforça o distanciamento do ciborgue com a biopolítica proposta por Michel Foucault. Como já fizera no texto de 1985, *O Manifesto Ciborgue*, a autora vai novamente em 1991 expressar discordância com a aproximação da sua proposta de ciborgue com a biopolítica, sobretudo reafirmar os limites que a proposta de biopolítica oferece.

Estou argumentando a favor do ciborgue como uma ficção que abrange a nossa realidade social e corporal e como um recurso imaginativo sugestivo de acoplamentos muito frutíferos. A biopolítica de Michel Foucault é uma premonição flácida da política do ciborgue, um campo muito aberto. (HARAWAY, 1995, p. 127)

É, portanto, a partir da obra de Haraway que o corpo pensado como fabricação artefactual vai partir e permitir novas leituras e proposições teóricas. A exploração e acumulação econômica no capitalismo tardio vai fomentar e fabricar um novo corpo destacando qualquer oposição entre natural e construto social já que o corpo natural passa a não existir ou a ser algo indeterminado. O corpo-tecnologia do capitalismo pós-industrial que não vive apenas a partir da produção de bens materiais, mas de signos, informações e afetos fabricados, produzidos, compartilhados com seu fluxo permanente de engajamento e excitação.

Pode-se dizer que no tecnobiopoder o corpo é algo fabricado e produzido dentro de um regime econômico de um capitalismo cada vez mais agressivo e exploratório que não só captura, mas produz excitação, estímulo e exige dos sujeitos engajamento. O poder não só atravessa os corpos, mas os fabrica e nisso há uma intersecção, sem dúvida, com a proposta de Foucault, mas não há um limite de determinação do que venha a ser natural e/ou biológico nesse regime em que tudo é fabricado/produzido inclusive o mais elementar dos organismos.

Os corpos, portanto, não nascem, são fabricados. Eles foram completamente desnaturados como signo, contexto e tempo. Os corpos do final do século XX não crescem a partir dos princípios harmônicos internos teorizados no romantismo, nem são descobertos nos domínios do realismo e do modernismo. Não se nasce mulher, disse corretamente Simone de Beauvoir. O campo epistemológico-político da pós-modernidade teve que responder, num contexto, ao texto de Beauvoir: não se nasce organismo. Os organismos são fabricados, são construções de uma espécie de mundo em mudança. As construções dos limites de um organismo, obra dos discursos da imunologia, são poderosos mediadores das experiências de adoecimento e morte para os seres industriais e pós-industriais. (Haraway, 1995, p. 174)

Entre o corpo biopolítico, o sistema farmacopornográfico e o tecnobiopoder: um debate entre Michel Foucault, Paul B. Preciado e Donna Haraway | França Junior

4 O CORPO FARMACOPORNOGRÁFICO EM PAUL B. PRECIADO

Sem também deixar de tratar das “tecnologias” que atravessam o corpo, em Testo Junkie (2018), Paul B. Preciado parte da reconsideração da leitura da biopolítica em Michel Foucault. É assim que a partir da noção de biopolítica e pensando numa espécie de atualização e ampliação dessa noção, Preciado vai propor o seu conceito de “sociedade fármaco-pornográfico”.

Foucault negligencia a emergência de um conjunto de profundas transformações das tecnologias de produção do corpo e da subjetividade que apareceram progressivamente com o começo da Segunda Guerra Mundial. Essas transformações nos obrigam a conceitualizar um terceiro regime de subjetivação, um terceiro sistema de saber-poder, que não é soberano nem disciplinar, nem pré-moderno nem moderno. No epílogo de *Mil Platôs*, Deleuze e Guattari inspirando-se em William S. Burroughs, usam o termo ‘sociedade de controle’ para nomear este ‘novo monstro’ da organização social que é um subproduto do controle biopolítico. Acrescentando noções inspiradas pela leitura de Burroughs e de Charles Bukowski, prefiro denominá-la de sociedade ‘fármaco-pornográfica’. A ejaculação politicamente programada é a moeda desse novo controle molecular-informático. (Preciado, 2018, p. 84)

Sendo assim, Preciado propõe uma leitura em que da mesma forma que o sistema disciplinar não apaga ou anula as dimensões, práticas e violências do regime soberano, uma sociedade farmacopornográfica também não deixaria de atualizar uma injunção de poder soberano, disciplinar e biopolítica sobre o corpo. “Três técnicas diferentes e conflitantes de regimes de poder estão justapostas e atuam no corpo produzindo nosso sujeito contemporâneo e nossa ficção somática” (Preciado, 2018, p. 85). Ora, todo o seu livro *Texto Junkie* é uma tentativa de explorar e apresentar as formas de funcionamento dessa sociedade.

Se espaços eram produzidos no modelo panóptico para o funcionamento das sociedades disciplinares, fazendo com que escolas e universidades reproduzissem modelos arquitetônicos de presídios e instituições hospitalares, na sociedade farmacopornográfica, o poder se exerce mesmo a partir de uma dimensão molecular (o que não anula as estruturas arquitetônicas horrendas de escolas e universidades de hoje).

Testemunhamos progressivamente a miniaturização, internalização e introversão reflexiva (movimento de torção para o interior, para o espaço considerado como íntimo e privado) dos mecanismos de controle e vigilância do regime sexopolítico disciplinador. Essas novas tecnologias suaves de microcontrole adotam a forma do corpo que controlam, transformam-se em corpo, até se tornarem inseparáveis e indistinguíveis dele, acabando como soma-tecno-subjetividades. O corpo já não habita os espaços disciplinadores: está habitado por eles. A estrutura orgânica e biomolecular do corpo é o último esconderijo desses sistemas biopolíticos de controle. Esse momento contém todo o horror e a exaltação da potência política do corpo. (Preciado, 2018, p.86)

Já em *Dysphoria Mundi* escrito no período da pandemia de Covid e publicado originalmente em outubro de 2022 com a edição brasileira disponível um ano após, Preciado volta à biopolítica foucaultiana e novamente a Haraway para pensar a crise dos paradigmas epistemológicos de um mundo em transformação. A partir da imagem-símbolo das torres da catedral de Notre Dame desmoronando em um incêndio transmitido ao vivo de forma online, o paradigma de um saber-poder tradicional também desmorona sem sabermos bem o que nos ocorre e se os referenciais teóricos que construímos conseguem plenamente dar conta da complexidade e da velocidade de tudo que desmorona e de tudo que emerge.

No capítulo *Biopolitics are out of joint*, Preciado (2023) reconhece em Foucault o primeiro a pensar uma política que atravessa e formata os corpos.

O mais importante que aprendemos com Foucault é que o corpo vivo (e portanto mortal), a máquina branda conectada, para acompanhar Burroughs, ou a somateca que não é simples anatomia) é o objeto central de toda política. *Il n’y a pas une politique que ne soit pas une politique du corps*. Não existe política que não seja uma política dos corpos. Mas o corpo não é, para Foucault, um corpo biológico dado, sobre o qual o poder atua posteriormente. A tarefa mesma da ação política é fabricar um corpo, pô-lo pra trabalhar, definir seus modos de reprodução, prefigurar as modalidades do discurso através das quais esse corpo se ficcionaliza até ser capaz de dizer “eu”. Todo o trabalho de Foucault poderia ser entendido como uma análise histórica das distintas técnicas por meio das quais o poder administra a vida e a morte dos corpos. (...) Para Foucault, as técnicas governamentais biopolíticas estendiam-se como uma rede de poder que superava o âmbito legal ou a esfera punitiva, convertendo-se numa força ‘somatopolítica’, uma forma de poder especializado que atravessa a totalidade do território até penetrar em cada corpo individual (Preciado, 2023, p. 45)

Há no texto de Preciado de 2023 a emergência de um novo conceito: o capitalismo petrosexoracial. Com isso, Preciado amplia a leitura foucaultiana para pensar a inevitabilidade do lugar da morte na biopolítica, sendo mesmo inevitável e

Entre o corpo biopolítico, o sistema farmacopornográfico e o tecnobiopoder: um debate entre Michel Foucault, Paul B. Preciado e Donna Haraway | França Junior

impossível no mundo contemporâneo do regime do capitalismo petrosexoracial não pensar numa necrobiopolítica.

O capitalismo designado oportunamente por Preciado como petrosexoracial é aquele dedicado a criar dispositivos tensionando a fórmula clássica do “deixar viver/fazer morrer” ou do “fazer viver/deixar morrer”. Os corpos subalternizados, escravizados, colonizados são as maiores vítimas desse sistema mostrando que há camadas de complexidade nessa formulação. As tecnologias de produção e intensificação da vida que atravessam os corpos podem conviver simultaneamente no mesmo espaço e tempo das tecnologias de produção de morte. Assim como a biopolítica não anula ou supera os sistemas soberanos e disciplinares de poder, o capitalismo petrosexoracial convive com o capitalismo farmacopornográfico retroalimentando-se de seus dispositivos.

Depois do capitalismo petrosexoracial e suas formas mutantes contemporâneas (tecnopatriacardo racial, capitalismo farmacopornográfico e cibernético), não há tecnologia biopolítica de poder que não funcione ao mesmo tempo como tecnologia de morte: por isso, não falaremos mais de biopolítica, mas de necrobiopolítica. (Preciado, 2023, p. 390)

Já no capítulo *The body is out of joint*, Preciado (2023) volta ao ciborgue de Donna Haraway para formular sua proposta de telecorpo no sistema capitalista petrosexoracial. No rastro de Haraway segue a implosão de fronteiras entre cultura e natureza; orgânico e mecânico; humano e animal; mas também de analógico e digital. As experiências corporais nos ambientes digitais passam a tensionar a compreensão que se tem até então sobre o corpo. O telecorpo é uma espécie de ficção cibernética ao mesmo tempo carnal e imaterial nem completamente eletrônica, nem biológica. O telecorpo pode ser um dado. O telecorpo pode ser, ao mesmo tempo, consumidor, produtor e mercadoria. Não é assexuado. Pelo contrário. É hipersexualizado de uma forma amorfa e polimorfa. O telecorpo não respeita os códigos DSM nem os BDSM ao mesmo tempo em que não respeita os seminários de formação em psicanálise, embora também possa participar deles.

Submetido a um regime estrito de adaptação ao trabalho digital, o corpo analógico a mudar, a transformar-se. A máquina branda se desarticula e rearticula segundo um novo código. Se para Donna Haraway o ciborgue era um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma

Entre o corpo biopolítico, o sistema farmacopornográfico e o tecnobiopoder: um debate entre Michel Foucault, Paul B. Preciado e Donna Haraway | França Junior

criatura tanto da realidade social como da ficção, o telecorpo é a forma da existência carnal-temporal do ciborgue na era da produção e da comunicação digitais. O telecorpo não é totalmente orgânico nem totalmente digital, é uma entidade natural-técnica situada na intersecção da vida e da cibernética, do carbono e do silício. O telecorpo é um corpo transformado num espetáculo público digital, numa interface produzida para ser difundida via Facebook e Instagram, é o corpo escaneado, tunado, hackeado, copiado, distribuído por telepresença via Snapchat ou TikTok. (Preciado, 2023, p. 235)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tantas transformações tecnológicas, políticas, de um estágio avançado do capitalismo neoliberal, tem sido um esforço acompanhar e propor novas leituras e paradigmas conceituais para pensar o lugar do corpo no mundo contemporâneo. As experiências do corpo no ambiente digital entram em conflito com o arcabouço conceitual moderno. Não conseguimos mais reduzir o corpo a uma ideia de natureza convencional. O embate natureza/cultura parece algo limitado ou superado para pensarmos o corpo. Num mundo em que a tecnologia permite cirurgias à distância a partir de dispositivos tecnológicos cirurgiões sequer tocam mais os corpos que operam. Se os corpos eram habitados por coordenadas geográficas de territórios bem delimitados, o ambiente digital cria outra relação com os espaços bem como outra relação com o tempo.

O esforço do artigo foi então pensar esse corpo atravessado, produzido, desconstruído e reconstruído a partir da leitura de Michel Foucault, Donna Haraway e Paul B. Preciado. Não necessariamente autores que falam do mesmo campo, mas a proposta do artigo foi buscar uma conexão entre eles sem cair no erro de propor algo universalizante ou uniforme. O corpo permanece em transformação e as reflexões sobre o corpo devem sempre levar isso em consideração. Se partimos de uma Biopolítica, atravessamos o tecnobiopoder e chegamos a uma era do capitalismo farmacopornográfico ou do sistema petrosexoracial em que a necrobiopolítica opera, isso não significa que as propostas devam ser lidas como fases ou etapas, mas de alguma forma os diferentes regimes se interpenetram.

Antes de concluir e para instigar trabalhos futuros, vale mencionar a apropriação e devoração do corpo teórico de Paul B. Preciado. Preciado tem sido devorado e digerido por uma série de ativistas, artistas e pesquisadores na América

Entre o corpo biopolítico, o sistema farmacopornográfico e o tecnobiopoder: um debate entre Michel Foucault, Paul B. Preciado e Donna Haraway | França Junior

Latina, sendo uma importante referência para a crítica às epistemologias tradicionais bem como na formulação de um pensamento crítico que busque tensionar as concepções tradicionais de diferentes saberes sobre o corpo no contexto periférico. Nesse sentido, nos aproximamos de alguns trabalhos que tentaram fazer novas formulações para além do próprio texto de Paul B. Preciado. O que é curioso e importante ressaltar é o lugar que o corpo ocupa em todas essas formulações. Seria impossível obviamente dar conta de todos os trabalhos que leram e se influenciaram pelos textos do pensador espanhol. Portanto, a título de conclusão do trabalho, destacamos um que, além de uma reflexão teórico-crítica, tenta fornecer um pensamento para além de Preciado e aqui estendemos a necessidade de se pensar com e para além de Michel Foucault, com e para além de Donna Haraway. Trata-se do *Manifesto Traveco-Terrorista* de Tertuliana Lustosa publicado originalmente em 2016.

A partir do *Manifesto Contrassexual*, Lustosa propõe e provoca a reescrita de um *Manifesto Traveco-Terrorista*: “hormonizei bastante e operei cirurgicamente algumas das dimensões epistemicidas, em que seria preciso dizer mais ou desdizer algumas coisas para transformá-las em possibilidade de fuga da subalternidade” (Lustosa, 2022, p. 29). Defendendo que o saber concatenado sobre o corpo deve partir as amarras coloniais do nacionalismo, da vanguarda e do fetichismo, explicita o que no manifesto quer chamar de terrorismo: “Terrorismo contra os apagamentos produzidos pelos impérios de discursos afiados e que fazem todo o sentido, mas que, na prática, não reconciliam as opressões de muitas de nós” (Lustosa, 2022, p. 29) O corpo travesti também é um corpo produzido, mas milita por mostrar que o corpo cisgênero também é uma produção ficcional. O corpo travesti, tal qual pensou Donna Haraway desde a década de 1980, é a materialização da implosão de dicotomias teórico-epistemológicas e políticas. O corpo trans transmite o vírus do tensionamento dos saberes tradicionais. “Reconheço-me como disseminadora do vírus trans-pornopolítico” (Lustosa, 2022, p. 35).

Lustosa provoca ainda a pensar que a ideia de um corpo trans nasceu de uma medicalização psiquiátrica que levou a cirurgias forçadas. Uma ideia de corpo que nasce patologizado e é uniformizado como se só houvesse um modelo possível e

padronizado de corpo trans⁵. O corpo travesti produz estranhamento. Não só nas ruas, não só nos consultórios médicos, não só nas festas de rodeio, nas baladas de playboy, o corpo travesti produz estranhamento nos partidos políticos que apesar de expulsar suas militantes, se arvoram a ser seu legítimo representante. O corpo travesti incomoda as ciências sociais. O mundo jurídico. As ciências humanas. A psicanálise. Que a enquadra como corpo de alguma/algum psicótico. O corpo travesti é o laboratório de experimentação do necrobiopoder contemporâneo.

É um erro apontar a forma correta, única e universal de se pensar o corpo na contemporaneidade e conseqüentemente pensar de forma uniforme o corpo na biopolítica. A partir da experiência violenta sobre os corpos trans, os corpos devem ser pensados sempre a partir das suas infinitas possibilidades: “Tudo é alteridade no traveco-terrorismo. Tombo, apodrecimento, alteridade, alteração, Pirate Bay, ação, subjetivação, processo, sacrifício/cura-coletiva” (Lustosa, 2022, p. 29). No final do Manifesto, diante de um mundo falocêntrico que clama por testosterona, o corpo trans performa, o corpo trans resiste. “O corpo como arma. A palavra como gatilho” (Lustosa, 2022, p.30).

REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. **Quem tem medo do gênero?** São Paulo: Boitempo, 2024.
- CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de Racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser.** Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **A Verdade e As Formas Jurídicas.** Rio de Janeiro, Nau, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade.** São Paulo, Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber.** Rio de Janeiro, Graal, 2012.

⁵ As cirurgias corretivas do Dr. Money são amplamente discutidas e criticadas no mais recente livro de Judith Butler, “Quem tem Medo do Gênero” (2024).

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro, Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. O Nascimento da Medicinal Social. In: **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro, Graal, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Tecnologias de Si**. Revista Verve, n.6, São Paulo, 2004. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/verve/article/view/5017/3559>

HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue. In: **Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano**. TADEU, T. (org.) Belo Horizonte, Autêntica, 2009.

HARAWAY, Donna. **Le promesse dei mostri. Una politica rigeneratrice per l'autorità innappropriata**. Roma, Deriva Approdi, 2019.

HARAWAY, Donna. **Ciencia, cyborgs y mujeres: la reinención de la naturaliza**. Madri, Cátedra, 1995.

LEMOS, Fabiano. **Todo Poder aos Sodomitas! Apelos e estudos de Filosofia Política**. Rio de Janeiro, ViaVerita, 2023.

LUSTOSA, Tertuliana. Manifesto Traveco-Terrorista. In: RUCHOVSK, M. & AXT, B. **Metafísicas Sexuais: canibalismo e devoração de Paul B. Preciado na América Latina**. Salvador, Devires, 2022.

PRECIADO, Paul B. **Dysphoria Mundi**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2023.

PRECIADO, Paul B. **Texto Junkie**. São Paulo, N-1 edições, 2018.

SFORZINI, Arianna. **Michel Foucault: um pensar do corpo**. São Paulo, UNESP, 2023.

SOBRE O AUTOR

Luís Celestino de França Júnior

Professor do Instituto interdisciplinar Sociedade, Cultura e Artes da Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4998271672992540>

Orcid: 0000-0003-0312-5063

E-mail: luis.celestino@ufca.edu.br

COMO CITAR ESTE EDITORIAL

CELESTINO, Luís. Entre o corpo biopolítico, o sistema farmacopornográfico e o tecnobiopoder: um debate entre Michel Foucault, Paul B. Preciado e Donna Haraway. **Passagens**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 15, n.3. Especial, p 122-144, nov. 2024.

RECEBIDO EM: 25/11/2024

ACEITO EM: 25/11/2024

Entre o corpo biopolítico, o sistema farmacopornográfico e o tecnobiopoder: um debate entre Michel Foucault, Paul B. Preciado e Donna Haraway | França Junior
Passagens: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, v. 15, n.3. Especial, 2024



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional
